

Êxitos e Dificuldades do Poder Soviético

Vladimir Ilitch Lénine
1919

17 de Abril de 1919

Presente tradução na versão das Obras Escolhidas de V.I.Lénine
Edição em Português da Editorial Avante, 1986, t.4, pp 185-213
Traduzido das Obras Completas de V.I. Lénine
5ªEd. russo t.38, pp. 41-73

Precisamente agora que conseguimos reconstituir a Internacional revolucionária, a Internacional Comunista, precisamente agora que a forma soviética do movimento se tornou ela própria o programa teórico e prático de toda a III Internacional, agora que isso foi feito, é oportuno recordar o desenvolvimento geral dos soviets. O que são os soviets? Que importância tem esta forma, criada pelas massas e não inventada por ninguém?

Só deste ponto de vista, parece-me, se pode avaliar correctamente as tarefas que já se colocam perante nós, perante o poder conquistado pelo proletariado, e o cumprimento que nós procurámos dar e demos a essas tarefas durante este ano decorrido, quando tínhamos já a ditadura do proletariado na Rússia.

Só do ponto de vista do papel geral dos soviets, da sua importância geral, do seu lugar no desenvolvimento histórico mundial, se pode compreender em que situação nos encontramos, por que tivemos que actuar desse modo e não de outro e como é que se deve verificar, olhando para trás, a correcção ou a incorrecção dos passos por nós dados.

E essa visão mais geral, mais ampla ou de maior alcance é-nos agora duplamente necessária, porque os militantes do partido na Rússia devem agora por vezes sofrer e notar as falhas, os defeitos e a insatisfação pelo seu trabalho, porque a realização prática das tarefas de administração inadiáveis, correntes, imediatas, actuais, que incumbiam e incumbem ao poder soviético frequentemente distrai e obstrui a atenção, obriga-nos, apesar de todos os nossos esforços - aqui não há nada a fazer contra as condições de actividade -, a dispensar demasiada atenção a pequenos pormenores da administração e a esquecer o curso geral do desenvolvimento de toda a ditadura proletária à escala mundial, o seu desenvolvimento através do poder dos soviets, ou, mais exactamente, através do movimento soviético, através do avanço tateante das massas proletárias no interior dos soviets - aquilo por que todos nós passámos e esquecemos - e através da tentativa de realizar a ditadura no interior dos soviets.

Eis quais as dificuldades que recaíram sobre nós, e eis quais são as tarefas gerais às quais, em minha opinião, se deve procurar prestar atenção para nos libertarmos um pouco, na medida das possibilidades, das minudências administrativas que recaem sobre todos aqueles que se ocupam do trabalho prático nos soviets e para compreendermos o grande passo que nos resta dar, a nós, como destacamento do exército proletário mundial.

Não é possível vencer à escala mundial, completamente, definitivamente, apenas na Rússia, e só será possível quando o proletariado tiver vencido pelo menos em todos os países avançados ou em alguns dos maiores países avançados. Só então poderemos dizer com toda a certeza que a causa do proletariado venceu, que o nosso primeiro objectivo - o derrubamento do capitalismo - foi alcançado. Ele foi realizado num só país, no nosso, e colocou-nos uma segunda tarefa. Se o poder dos soviets está instaurado, se a burguesia foi derrubada num país, a segunda tarefa é a luta à escala internacional, a luta num outro plano, a luta do Estado proletário no meio dos Estados capitalistas.

Situação extraordinariamente nova e difícil.

Por outro lado, se o poder da burguesia foi derrubado, a principal tarefa torna-se a organização da edificação.

Os socialistas amarelos que agora, depois de se reunirem em Berna, se preparam para nos dar a felicidade da visita de estrangeiros ilustres, gostam acima de tudo de lançar frases como esta: « Os bolcheviques acreditam no poder absoluto da violência.» Esta frase mostra apenas que os seus autores são homens que, no ardor da luta revolucionária, quando a violência da burguesia os esmaga

por completo - veja-se o que se passa na Alemanha - não são capazes de ensinar ao seu proletariado a tática da **violência necessária**.

Há condições nas quais a violência é necessária e útil, e há condições nas quais a violência não pode dar quaisquer resultados.

Houve no entanto exemplos de que essa diferença não foi compreendida por toda a gente, e é necessário falar disso. Em Outubro, a violência, o derrubamento da burguesia pelo poder soviético, a expulsão do antigo governo, a violência revolucionária, proporcionou um êxito brilhante.

Porquê? Porque, em primeiro lugar, as massas estavam organizadas nos sovietes, e porque, em segundo lugar, o adversário - a burguesia - estava socavado, minado, gasto pelo longo período político desde Fevereiro até Outubro, como um bloco de gelo pelas águas primaveris, e interiormente estava já reduzido à completa impotência. E o movimento de Outubro, se o compararmos mesmo com o actual movimento revolucionário na Alemanha, deu-nos tão facilmente uma vitória completa e brilhante da violência revolucionária.

Poder-se-á supor que essa via, que essa forma de luta, e essa vitória fácil da violência revolucionária é realizável sem essas condições?

Supô-lo seria o maior dos erros. E quanto maiores são as vitórias revolucionárias alcançadas em determinadas condições, mais frequente é o perigo de nos deixarmos seduzir por essas vitórias, sem pensar fria, calma e cuidadosamente nas condições em que isso foi possível.

Quando nós gastámos, por assim dizer, até ao fio, o governo de Kerenski, o ministério de coligação de Miliukov, os fizemos experimentar todas as maneiras de se sentarem nos postos ministeriais, os forçámos a uma contradança ministerial da direita para a esquerda e da esquerda para a direita, de baixo para cima e de cima para baixo, verificou-se que, por mais que trocassem de lugar na orquestra, não prestavam para músicos, e então eles voaram como penugem.

Haverá semelhança entre essa situação e aquela que é agora a nossa tarefa prática em relação ao imperialismo mundial? Certamente que não.

É por isso que, no domínio da política externa, a questão da paz de Brest nos causou tantas dificuldades. O carácter de massas do movimento ajudou-nos a vencê-las.

Mas qual a origem dos erros que levaram uma parte dos camaradas a pensar que nós cometíamos um crime inaudito? Ainda hoje há, entre os homens que sabem manejar a pena e que imaginam que representam alguma coisa, que têm experiência, que podem ensinar, etc., certos excêntricos isolados que continuam a afirmar que isso foi uma conciliação com o imperialismo alemão.

Sim, ouve uma conciliação semelhante quando nós nos «conciliámos» com o tsar, entrando na repugnante Duma reaccionária e minando-a do interior.

Poder-se-ia contar, apenas com a utilização da violência, derrubar o imperialismo mundial sem um correspondente desenvolvimento do proletariado nesses países imperialistas?

Se colocarmos assim a questão - e nós, como marxistas, sempre ensinámos que é assim e só assim que ela deve ser colocada -, usar aqui a política da violência seria um perfeito absurdo e um disparate e uma total incompreensão das condições em que a política da violência tem êxito.

Vemo-lo agora. Enriquecemo-nos em experiência.

Na altura em que, no período da paz de Brest, tínhamos que reunir forças e lançar, com as mais terríveis dificuldades, os fundamentos do novo exército, do Exército Vermelho, num país que estava devastado e martirizado pela guerra como nenhum outro país do mundo, quando construíamos pedra a pedra, na primeira metade e princípio da segunda metade de 1918, os fundamentos de um verdadeiro Exército Vermelho socialista, nessa altura o imperialismo dos outros países era minado pela desorganização interna, pelo ascenso dos protestos, e enfraquecia-se.

E a violência revolucionária venceu na Alemanha quando muitos meses de desenvolvimento da luta minaram o imperialismo nesse país, e o mesmo se repete agora até certo ponto - até certo ponto, e não inteiramente - quanto aos países da Entente.

Um americano que observou muito atentamente, directamente, sem quaisquer ideias preconcebidas, o que se passa nos países da Europa Ocidental, disse-me recentemente: «A França está indubitavelmente em vésperas de uma grande decepção, do ruir das ilusões; os franceses são alimentados de promessas dizem-lhes que venceram.» Os velhos sentimentos patrióticos de todo o povo francês, a exasperação, causada pela derrota de 1870, a furiosa indignação por ver o país despovoado, dessangrado, extenuado depois de quatro anos de guerra - tudo isso é usado pela burguesia para alimentar o chauvinismo: «Nós vencemos os alemães, vamos encher os bolsos e descansar.» Mas esse americano lúcido, que vê as coisas como comerciante, diz: «O alemão não pagará, porque não tem com que pagar.»

Por isso alimentam o povo francês de promessas e fábulas sobre a paz iminente e a vitória definitiva. Mas a paz é o ruir de todas as esperanças de poder sair pelo menos parcialmente vivo desse pântano sangrento, de braços e pernas partidas, mas vivo. Não é possível sair dessa paz sob o velho capitalismo, porque se acumulou uma tal avalanche de dívidas capitalistas, um tal montão de ruínas em todo o mundo capitalista, provocadas pela guerra, que não é possível sair sem remover a própria avalanche

Mesmo aqueles que não são revolucionários e que não crêem na revolução e que temem a revolução discutem-na mesmo assim teoricamente e serão forçados pelo curso dos acontecimentos, pelas consequências da guerra imperialista, a convencer-se de que não há outra saída além da revolução.

Repito que me surpreendeu particularmente a apreciação da situação feita por esse americano do ponto de vista do comerciante, o qual, evidentemente, não se ocupa da teoria da luta de classes e sinceramente considera isso um disparate, mas que se interessa pelos milhões e milhares de milhões e, sabendo contar, pergunta: pagarão ou não pagarão? - e responde, novamente do ponto de vista do cálculo comercial mais prático: «Não têm com que pagar! E não receberemos nem mesmo 20 copeques por rublo!»

Tal é a situação em que vemos, em todos os países da Entente, uma enorme e geral efervescência resultante da simpatia dos operários pela forma soviética.

Por exemplo, em Paris, a multidão - que é talvez mais sensível que todas as assembleias populares, porque em Paris ela passou por uma grande escola, realizou uma série de revoluções - aí a multidão, que mais reage, não permitiria ao orador uma nota falsa, faz agora calar aqueles que se atrevem a falar contra o bolchevismo; e há apenas alguns meses não se podia sequer abrir a boca perante a multidão parisiense a favor do bolchevismo sem ouvir os ditos sarcásticos dessa mesma multidão.

Em Paris, entretanto, a burguesia acciona todo o seu sistema de mentiras, de calúnias e de enganos contra o bolchevismo. Mas nós já sabemos o que isso significa, porque em 1917 nós, bolcheviques, sofremos os ataques de toda a imprensa burguesa. No nosso país os senhores burgueses enganaram-se um pouco e passaram as medidas, pensando que apanhariam os bolcheviques nas redes da mentira e da

calúnia; e de tal modo passaram as medidas, de tal modo exageraram os seus ataques, que nos fizeram uma publicidade gratuita e forçaram os operários mais atrasados a pensar: «Se os bolcheviques são tão insultados pelos capitalistas, então estes bolcheviques sabem lutar contra os capitalistas!»

É por isso que a política que tivemos que aplicar durante a paz de Brest, a paz mais feroz, violentadora e humilhante, mostrou ser a única política correcta.

E eu penso que não é inútil recordar essa política uma vez mais, agora que a situação em relação aos países da Entente se torna semelhante, que todos eles alimentam igualmente o desejo insensato de lançar sobre a Rússia as suas dívidas, a sua miséria, a sua ruína, de pilhar e esmagar a Rússia a fim de desviarem de si próprios a crescente indignação das suas massas trabalhadoras.

Encarando as coisas lucidamente, somos obrigados a dizer-nos com toda a clareza, se não queremos enganar-nos a nós próprios e aos outros - e isso é uma ocupação nociva para um revolucionário -, devemos dizer que a Entente é mais forte do que nós do ponto de vista da força militar. Mas se considerarmos as coisas no seu desenvolvimento, então diremos também com toda a clareza e convicção, baseada não apenas nas nossas concepções revolucionárias mas também na experiência, que esse poderio dos países da Entente não durará muito tempo; eles estão em vésperas de uma enorme viragem no estado de espírito das suas massas.

Eles alimentaram de esperanças os operários franceses e ingleses: «Nós pilharemos o mundo inteiro, e então tu viverás na abundância.» Eis o que grita toda a imprensa burguesa, metendo essa ideia na cabeça das massas não desenvolvidas.

Suponhamos que dentro de alguns meses eles concluirão a paz, se não brigarem entre si, do que há muitos indícios sérios. Mas se eles conseguirem, sem se pegarem uns aos outros pelos cabelos e pela garganta, concluir a paz, essa paz será o princípio de uma falência imediata, porque eles não estão em condições de pagar essas dívidas inauditas e de remediar a desesperada ruína, quando em França a produção de trigo se reduziu para menos de metade, a fome se espalha por toda a parte e as forças produtivas estão destruídas.

Se encararmos as coisas lucidamente, devemos reconhecer que o modo de avaliar as coisas que nos deu uma medida tão justa na apreciação da revolução russa nos dá também de dia para dia a certeza de uma revolução mundial. Nós sabemos que as torrentes que hão-de arrastar esses blocos de gelo da Entente - os blocos de gelo da Entente, do capitalismo, do imperialismo - engrossam de dia para dia.

Por um lado, os países da Entente são mais fortes que nós, por outro lado, pela sua situação interna, eles não poderão de modo nenhum manter-se por muito tempo.

Desta mesma situação decorrem complexas tarefas de política internacional - tarefas que nós teremos, possivelmente e mesmo provavelmente, que resolver nos próximos dias e das quais eu não estou suficientemente ao corrente em todos os aspectos concretos, mas das quais quereria falar especialmente - precisamente para que a experiência no domínio da actividade do Conselho de Comissários do Povo, no domínio da política externa, vos aparecesse, camaradas, de uma forma clara e atraente.

A nossa experiência mais essencial é a paz de Brest. Eis o que há de mais essencial no balanço da política externa do Conselho de Comissários do Povo. Nós tivemos que temporizar, recuar, manobrar, assinar a paz mais humilhante, obtendo assim a possibilidade de construir os novos fundamentos do novo exército socialista. E lançámos esses fundamentos, e o nosso adversário, ainda há pouco poderoso e onnipotente, revelou-se já impotente.

É nesse sentido que as coisas se encaminham em todo o mundo, e esta é a principal e fundamental lição que é preciso assimilar o mais firmemente possível e procurar compreender o mais claramente possível para não cometer erros nas questões muito complexas, muito difíceis, muito emaranhadas, da política externa, que de hoje para amanhã se colocarão ao Conselho de Comissários do Povo, ao Comité Executivo Central, e em geral a todo o poder soviético.

Terminarei assim com a questão da política externa, a fim de passar a algumas outras questões muito importantes.

Camaradas, no que se refere à actividade militar, em Fevereiro e Março de 1918 - há um ano - não tínhamos qualquer exército. Tínhamos, talvez, 10 milhões de operários e camponeses armados, que constituíam o velho exército, em completa desagregação, impregnado da mais absoluta disposição e decisão de desertar, fugir e abandonar tudo, quaisquer que fossem as consequências.

Esse fenómeno era então considerado como exclusivamente russo. Pensava-se que os russos, com a impaciência ou o insuficiente espírito de organização próprios dos russos, não aguentariam, enquanto os alemães aguentariam.

Era o que nos diziam. E agora vemos, ao fim de alguns meses, que a organização do exército alemão, que era incomensuravelmente superior à nossa quanto à cultura geral, à técnica, à disciplina, quanto às condições humanas para os doentes e os feridos, quanto às licenças, etc., que essa organização levou ao mesmo resultado. As massas mais cultas e disciplinadas não resistiram ao massacre, aos muitos anos de massacre, e começou um período de absoluta desagregação em que mesmo o avançado exército alemão cedeu.

É evidente que há um limite não apenas para a Rússia mas para todos os países. Para países diferentes há limites diferentes, mas limites para além dos quais é impossível conduzir a guerra pelos interesses dos capitalistas. É isso que observamos agora.

O imperialismo alemão desmascarou-se até ao fim como rapinante. O mais importante é que tanto na América como na França, nessas famosas democracias (democracias acerca das quais tanto tagarelam os traidores ao socialismo, os mencheviques e socialistas-revolucionários, esses infelizes que se intitulam socialistas), nessas democracias avançadas do mundo, nessas repúblicas, o imperialismo torna-se cada dia mais arrogante, e aparecem bestas ferozes, rapinantes como em nenhuma outra parte. Eles pilham o mundo, brigam entre si e armam-se uns contra os outros. Não é possível ocultar isso por muito tempo. Era possível ocultá-lo durante a embriaguez da guerra. A embriaguez passa, a paz aproxima-se e as massas, precisamente nessas democracias, vêem, apesar de toda a mentira, que a guerra conduziu a uma nova pilhagem. A república mais democrática não passa de um disfarce para o mais feroz e mais cínico rapinante, que está disposto a arruinar centenas de milhões de pessoas para pagar as dívidas, isto é, para pagar aos senhores imperialistas, capitalistas, por terem amavelmente permitido aos operários cortarem as gargantas uns dos outros. Isto torna-se de dia para dia mais claro para as massas.

Tal é a situação que torna possíveis intervenções políticas como o artigo de um comentarista militar no jornal da burguesia mais rica e politicamente mais experiente, o jornal inglês *Times*¹, que aprecia os acontecimentos com estas expressões: «Em todo o mundo os exércitos estão em desagregação, mas há apenas um país onde um exército está em construção, e esse país é a Rússia.»

1 The Times (Os Tempos): jornal diário fundado em 1785 em Londres, principal órgão dos círculos conservadores da burguesia inglesa. Um dos mais influentes e mais bem informados jornais, que exercia pressão sobre a política dos pequenos países. Através dos seus correspondentes, o jornal estava informado dos acontecimentos da Rússia em 1905 e 1917.

Eis um facto que a burguesia, militarmente muito mais forte que o bolchevismo soviético, se vê forçada a reconhecer. E com este facto abordamos a apreciação daquilo que fizemos durante este ano de trabalho soviético.

Nós conseguimos atingir uma viragem em que, no lugar de um exército de dez milhões de homens completamente em debandada, que não suportava os horrores da guerra e compreendia que essa guerra era criminosa, começou a construir-se, centena de milhares após centena de milhares, um exército socialista, que sabe por que combate e que está disposto a suportar mais sacrifícios e privações que sob o tsarismo, porque sabe que defende a sua própria causa, a sua própria terra, o seu próprio poder na fábrica, defende o poder dos trabalhadores, e os trabalhadores dos outros países, embora difícil e penosamente, estão a despertar.

Tal é a situação que caracteriza a experiência de um ano do poder soviético.

A guerra é incrivelmente dura para a Rússia soviética, a guerra é incrivelmente dura para um povo que sofreu durante quatro anos os horrores da guerra imperialista. A guerra é incrivelmente penosa para a Rússia soviética. Mas no presente momento até os poderosos inimigos reconhecem que o seu exército se está a desagregar e que o nosso se está a construir. Porque, pela primeira vez na história, um exército se constrói em ligação íntima, em ligação indissolúvel, pode dizer-se em fusão indissolúvel, entre os soviets e o exército. Os soviets unem todos os trabalhadores e explorados, e o exército é construído sobre os princípios da defesa e da consciência socialistas.

Um monarca prussiano do século XVIII disse esta frase inteligente: Se os nossos soldados compreendessem por que combatemos, não seria possível fazer uma única guerra.» Esse velho monarca prussiano não era estúpido. Mas nós estamos hoje prontos a dizer, comparando a nossa situação com a situação desse monarca: nós podemos fazer a guerra porque as massas sabem por que é que combatem, e querem combater, apesar dos fardos inauditos repito, os fardos da guerra são agora maiores do que sob o tsarismo, sabem que farão sacrifícios desesperados, acima das suas forças, para defender a sua causa socialista, combatendo lado a lado com os operários dos outros países que se «desagregam» e começaram a compreender a nossa situação.

Há imbecis que gritam acerca do militarismo vermelho; trata-se de trapaceiros políticos, que fingem acreditar nessa imbecilidade e lançam semelhantes acusações a torto e a direito, utilizando para isso os seus talentos de advogados para fabricar argumentos falsos e lançar poeira nos olhos das massas. E os mencheviques e socialistas-revolucionários gritam: «Vejam, em vez do socialismo dão-vos o militarismo vermelho!»

É na verdade um crime «horrível»! Os imperialistas de todo o mundo lançaram-se contra a república da Rússia para a estrangular, e nós começámos a criar um exército, que, pela primeira vez na história, sabe por que combate e por que se sacrifica, e resiste com êxito a um inimigo mais numeroso, aproximando a cada mês de resistência numa escala nunca vista a revolução mundial - e é isto que acusam de militarismo vermelho!

Repito são imbecis que não resistem a qualquer apreciação política ou são trapaceiros políticos.

Toda a gente sabe que esta guerra nos é imposta; no princípio de 1918, pusemos fim à antiga guerra e não iniciámos nenhuma nova guerra; toda a gente sabe que os guardas brancos avançaram contra nós no Oeste, no Sul e no Leste apenas graças à ajuda da Entente, que lançava milhões a torto e a direito, e além disso enormes reservas de munições e equipamento militar que restavam da guerra imperialista foram reunidas pelos países avançados e destinadas a ajudar os guardas brancos, pois estes senhores milionários e multimilionários sabem que aqui se decide o seu destino, que é aqui que perecerão se não nos estrangularem imediatamente.

A república socialista faz esforços inauditos, consente sacrifícios e alcança vitórias; e se agora, depois de um ano de guerra civil, olharmos para o mapa: o que era a Rússia soviética em Março de 1918 e o que ela se tornou em Julho de 1918, quando a oeste os imperialistas alemães se mantinham na linha traçada pelo tratado de paz de Brest, a Ucrânia estava sob o jugo dos imperialistas alemães, a leste, até Kazan e Simbirsk, dominavam os checoslovacos, comprados pelos franceses e pelos ingleses, e se tomarmos o mapa agora, vemos que nos alargámos inauditamente, que alcançámos enormes vitórias.

Numa tal situação, só os mais sórdidos e vis trapaceiros políticos podem proferir palavras sonoras acusando-nos de militarismo vermelho.

Não houve na história revoluções que, tendo vencido, se pudesse metê-las no bolso e dormir sobre os louros. Quem pensa que tais revoluções são concebíveis não só não é um revolucionário mas o pior inimigo da classe operária. Não houve nunca uma única revolução dessa espécie, mesmo de segunda ordem, mesmo burguesa, quando se tratava apenas de transferir o poder de uma minoria possidente para outra minoria. Nós conhecemos os exemplos! A revolução francesa, contra a qual se levantaram no início do século XIX, para a esmagar, as velhas potências, é chamada grande precisamente porque soube erguer em defesa das suas conquistas as amplas massas do povo, que resistiram ao mundo inteiro; é esse um dos seus maiores méritos.

Uma revolução passa pelas mais sérias provas na realidade, na luta, no fogo. Se tu és oprimido, explorado, e pensas em derrubar o poder dos exploradores, se decidiste levar o derrubamento até ao fim, deves saber que terás de enfrentar a arremetida dos exploradores de todo o mundo; e se estás disposto a resistir a essa arremetida e a consentir novos sacrifícios para te aguentares na luta, então és um revolucionário; caso contrário, serás esmagado.

Eis como a questão é colocada pela história de todas as revoluções.

A verdadeira prova da nossa revolução é que nós, num país atrasado, soubemos tomar o poder primeiro que os outros, conquistar a forma soviética de governo, o poder dos trabalhadores e dos explorados. Saberemos nós conservá-lo, ao menos até que as massas dos outros países se ponham em movimento? E se nós não soubermos fazer novos sacrifícios e manter-nos, então dir-se-á: a revolução mostrou-se historicamente injustificada. Os democratas dos países civilizados, armados até aos dentes, receiam, contudo, o aparecimento numa qualquer república livre de cem milhões de habitantes, como a América, de uma centena de bolcheviques; eles são tão contagiosos! E a luta contra uma centena de originários da Rússia faminta e devastada, que se põem a falar do bolchevismo, revela-se acima das forças dos democratas! As simpatias das massas estão do nosso lado! Os burgueses só têm uma saída: enquanto a espada não lhes caiu das mãos, enquanto os canhões estão nas suas mãos, dirigir esses canhões contra a Rússia soviética e esmagá-la em alguns meses, porque depois não será possível esmagá-la. Eis a situação em que nos encontramos, eis o que determina a política militar do Conselho de Comissários do Povo durante este ano, e eis por que nós, tendo em conta os factos, os resultados, temos o direito de dizer que suportamos a prova apenas porque os operários e os camponeses, inauditamente esgotados pela guerra, criam um novo exército em condições ainda mais penosas, dando provas de um novo heroísmo.

Tal é o balanço resumido da política do poder soviético no domínio militar. Permitir-me-ei aqui dizer ainda algumas palavras acerca de um ponto em que a política nas questões militares se liga com a política nas outras questões, com a política económica - falo dos especialistas militares.

Sabeis provavelmente que discussões esta questão suscitou, quão frequentemente alguns camaradas, comunistas bolcheviques de entre os mais dedicados e convictos, expressaram veementes protestos contra o facto de na construção do Exército Vermelho socialista utilizarmos os velhos especialistas

militares, os generais e oficiais tsaristas, manchados pelo serviço ao tsarismo e por vezes por repressões sangrentas contra os operários e os camponeses.

A contradição salta aos olhos, a indignação nasce aqui, por assim dizer, por si mesma. Como construir o exército socialista com a ajuda dos especialistas do tsarismo?!

Acontece que só assim é que o construímos. E se pensarmos na tarefa que nos tocou neste domínio, não é difícil compreender que só assim se poderia construí-lo. Não se trata apenas de uma questão militar, esta tarefa colocou-se-nos em todos os domínios da vida nacional e da economia nacional.

Os velhos socialistas utópicos imaginavam que era possível construir o socialismo com outros homens, que primeiro eles educariam homens bonzinhos, limpinhos, muito bem instruídos, e que com eles construiriam o socialismo. Nós sempre troçámos e dissemos que isso era brincar às bonecas, que era um divertimento de socialismo para jovens melindrosas e não política séria.

Nós queremos construir o socialismo com os homens que foram educados, corrompidos, depravados pelo capitalismo, mas também por ele temperados para a luta. Há proletários que estão de tal modo temperados que são capazes de suportar sacrifícios mil vezes maiores do que qualquer exército; há dezenas de milhões de camponeses oprimidos, ignorantes, dispersos, mas capazes, se o proletariado aplicar uma tática hábil, de se unir em torno dele na luta. E depois há especialistas da ciência, da técnica, todos inteiramente impregnados da concepção do mundo burguesa, há especialistas militares que foram formados nas condições burguesas - e já não é mau se foi nas condições burguesas e não nas condições do latifúndio, do varapau, da servidão. No que se refere à economia nacional, todos os agrónomos, engenheiros, professores, todos saíram da classe possidente; eles não caíram do céu! O proletário que nada possui e o camponês não podiam passar do torno e do arado para a universidade nem sob o tsar Nicolau nem sob o presidente republicano Wilson. A ciência e a técnica são para os ricos, para os possidentes; o capitalismo só dá cultura a uma minoria. Mas é com essa cultura que temos de construir o socialismo. Não temos outro material. Nós queremos construir o socialismo imediatamente com o material que o capitalismo nos deixou de um dia para o outro, desde já, e não com homens que seriam preparados em estufas, se podemos gracejar com essa fábula. Nós temos especialistas burgueses, e nada mais. Não temos outros tijolos, não temos com que construir. O socialismo tem de vencer e nós, socialistas e comunistas, temos de provar na prática que somos capazes de construir o socialismo com esses tijolos, com esse material, de construir a sociedade socialista com proletários que só em ínfima medida beneficiaram da cultura, e com especialistas burgueses.

E se não construídes a sociedade comunista com esse material, sois uns palradores vazios, uns tagarelas.

Eis como a questão é colocada pela herança histórica do capitalismo mundial! Eis a dificuldade que tivemos que enfrentar concretamente quando tomámos o poder, quando conseguimos o aparelho soviético!

Esta é metade da tarefa, e é a metade maior da tarefa. O aparelho soviético significa que os trabalhadores estão unidos de modo a esmagar o capitalismo com o peso da sua unidade maciça. Eles esmagaram-no. Mas não basta esmagar o capitalismo. É preciso pegar em toda a cultura que o capitalismo deixou e com ela construir o socialismo. É preciso pegar em toda a ciência e técnica, em todos os conhecimentos, na arte. Sem isso não podemos construir a vida da sociedade comunista. E essa ciência, essa técnica, essa arte, estão nas mãos e nas cabeças dos especialistas. É assim que a tarefa se coloca em todos os domínios – tarefa contraditória, como contraditório é todo o capitalismo, tarefa difícilíssima mas realizável. Não porque daqui a vinte anos formaremos especialistas comunistas limpinhos: a primeira geração de comunistas sem mácula nem desdoiro;

não, peço desculpa, nós precisamos, de organizar tudo agora, não dentro de vinte anos, mas dentro de dois meses, para lutar contra a burguesia, contra a ciência e a técnica burguesas do mundo inteiro. Aqui temos de vencer. Obrigar, com o nosso peso de massas, os especialistas burgueses a servir-nos, é coisa difícil mas possível; e se o fizermos venceremos.

Quando, recentemente, o camarada Trótski me informou que no nosso departamento militar o número de oficiais atinge algumas dezenas de milhares, percebi concretamente em que é que consiste o segredo da utilização do nosso inimigo: como obrigar a construir o comunismo aqueles que eram seus adversários, como construir o comunismo com os tijolos acumulados pelos capitalistas contra nós! Não temos outros tijolos! E é com esses tijolos, sob a direção do proletariado, que devemos obrigar os especialistas burgueses a construir o nosso edifício. Isso é que é difícil, e isso é que é a garantia da vitória!

Naturalmente, nesta via, que é nova e difícil, cometeram-se muitos erros, nesta via esperavam-nos muitas derrotas; toda a gente sabe que um certo número de especialistas nos traíram sistematicamente: entre os especialistas nas fábricas, na agronomia, na administração, chocámos e chocamos a cada passo com uma atitude malévola em relação ao trabalho, com uma malévola sabotagem.

Sabemos que tudo isto são enormes dificuldades e que não é possível vencê-las apenas com a violência... Nós, certamente, não somos contra a violência; troçamos daqueles que têm uma atitude negativa para com a ditadura do proletariado e dizemos que são tolos, incapazes de compreender que tem de haver ou ditadura do proletariado ou ditadura da burguesia. Quem disser outra coisa ou é idiota ou é politicamente tão ignorante que seria uma vergonha admiti-lo não apenas numa tribuna mas mesmo simplesmente numa reunião. Pode haver ou a violência contra Liebknecht e Luxemburg, o massacre dos melhores chefes dos operários, ou a repressão violenta dos exploradores, e quem sonha com um meio termo é para nós o mais nocivo e o mais perigoso adversário. É assim que presentemente se coloca a questão. De modo que, quando falamos de utilização dos especialistas, devemos ter em conta a lição da política soviética durante um ano; durante este ano nós quebrámos e vencemos os exploradores, e agora precisamos de resolver o problema da utilização dos especialistas burgueses. Aqui, repito, nada se fará só com a violência. Para além da violência, depois da violência vitoriosa, é necessária aqui a organização, a disciplina e o peso moral do proletariado vitorioso, subordinando a si e atraindo para o seu trabalho todos os especialistas burgueses!

Dir-se-á: em vez da violência, Lênine recomenda a influência moral! Mas é tolice imaginar que se pode, apenas pela violência, resolver a questão da organização da nova ciência e técnica na edificação da sociedade comunista. Isso é um disparate! Nós, como partido, como homens que aprendemos alguma coisa neste ano de trabalho soviético, não cairemos nesse disparate e preveniremos as massas contra ele. Utilizar todo o aparelho da sociedade burguesa, capitalista, é uma tarefa que exige não apenas a violência vitoriosa mas também, além disso, organização, disciplina, uma disciplina própria de camaradas entre as massas, a organização da influência proletária sobre toda a restante população, a criação de um novo ambiente nas massas, no qual o especialista burguês veja que não tem saída, que não é possível voltar à velha sociedade e que ele só pode fazer o seu trabalho com os comunistas, que estão a seu lado, dirigem as massas, gozam da absoluta confiança das massas e trabalham para que os frutos da ciência e da técnica burguesas, os frutos do desenvolvimento milenar da civilização não sejam património apenas de um punhado de homens que se aproveitam disso para se destacarem e enriquecerem, mas sejam património de todos os trabalhadores sem excepção.

Tarefa de uma enorme dificuldade, cujo completo cumprimento exigirá dezenas de anos! E para a cumprir é preciso criar uma tal força, uma tal disciplina, uma disciplina de camaradas, uma

disciplina soviética, uma disciplina proletária, que não só esmague fisicamente os contra-revolucionários da burguesia mas que os rodeie também completamente, que os submeta, que os obrigue a seguir o nosso trilho, a servir a nossa causa.

Repito que na edificação militar e na edificação económica, no trabalho de cada conselho da economia nacional, no trabalho de cada comité de fábrica, de cada fábrica nacionalizada, nós enfrentámos diariamente este problema. Dificilmente se terá passado uma semana durante este ano em que no Conselho de Comissários do Povo se não tenha, de um ou de outro modo, de uma ou de outra forma, colocado e resolvido essa questão. E estou certo de que não houve um único comité de fábrica na Rússia, uma única comuna agrícola, uma única exploração agrícola soviética, uma única secção agrária de *uézd*² que durante este ano de trabalho soviético não se tenha defrontado com esta questão.

Eis em que consiste a dificuldade da tarefa, mas que é também o que faz dela uma tarefa verdadeiramente grata, eis o que devemos fazer agora, no dia depois de a força da insurreição operária ter esmagado os exploradores. Nós quebrámos a sua resistência – era preciso fazê-lo - mas não era só isso que era preciso fazer. Era preciso, com a força da nova organização, da organização fraterna dos trabalhadores, obrigá-los a servir-nos, era preciso curá-los das velhas taras, impedi-los de voltarem à sua prática da exploração. Eles continuam a ser os antigos burgueses e estão nos postos de oficiais e nos estados-maiores do nosso exército, eles são engenheiros e agrónomos, esses antigos burgueses que se intitulam mencheviques e socialistas-revolucionários. O rótulo não altera nada, eles são totalmente burgueses, da cabeça aos pés, pelas suas concepções e pelos seus hábitos.

Pois bem, vamos nós mandá-los embora? Não é possível mandar embora centenas de milhares de pessoas! E se o fizéssemos, isso seria prejudicial para nós. Não temos com que construir o comunismo a não ser aquilo que o capitalismo criou. Precisamos não de os mandar embora mas de quebrar a sua resistência, vigiando-os a cada passo, sem fazer quaisquer concessões políticas, para as quais se deixam arrastar a todo o momento os homens sem carácter. Os homens cultos cedem à política e à influência da burguesia porque receberam toda a sua cultura do ambiente burguês e através dele. É por isso que eles tropeçam a cada passo e fazem concessões políticas à burguesia contra-revolucionária.

O comunista que diz que se não pode cair numa tal situação, em que sujaria as mãos, que deve ter as mãos comunistas limpas, que com as mãos comunistas limpas construirá a sociedade comunista, sem utilizar os desprezíveis cooperadores burgueses contra-revolucionários, não passa de um fraseador, porque, pelo contrário, não se pode deixar de utilizá-los.

Praticamente, a tarefa consiste em pôr ao nosso serviço aqueles que o capitalismo educou contra nós, vigiá-los diariamente, colocar acima deles comissários operários, num ambiente de organização comunista, cortar-lhes diariamente as veleidades contra-revolucionárias e ao mesmo tempo aprender com eles.

Nós temos, no melhor dos casos, a ciência do agitador, do propagandista, do homem temperado pela sorte diabolicamente difícil do operário fabril ou do camponês faminto, ciência que ensina a aguentar por muito tempo, a mostrar tenacidade na luta, o que nos salvou até agora; tudo isso é necessário; mas isso não chega, só com isso não é possível vencer; para que a vitória seja completa e definitiva, é preciso tomar tudo aquilo que há de valioso no capitalismo, tomar toda a ciência e cultura.

E onde tomar tudo isso? É preciso aprender com eles, com os nossos inimigos; os nossos camponeses avançados, os nossos operários conscientes nas suas fábricas, na secção agrária de

2 *Uézd*: unidade administrativa da Rússia e da URSS até à transformação em raioni, em 1923-1929. (N. Ed.)

uézd, devem aprender com o agrónomo burguês, com o engenheiro, etc., para assimilar os frutos da sua cultura.

Neste aspecto, a luta que surgiu no nosso partido neste último ano foi extremamente fecunda; ela suscitou muitos choques agudos, mas não há luta sem choques agudos; mas adquirimos experiência prática numa questão que nunca se nos tinha colocado e sem a qual não é possível realizar o comunismo. A tarefa está em como combinar a revolução proletária vitoriosa com a cultura burguesa, com a ciência e a técnica burguesas, que até agora foram apanágio de uma minoria; esta é, digo-o uma vez mais, uma tarefa difícil. Aqui tudo está na organização, na disciplina da camada avançada das massas trabalhadoras. Se na Rússia, à frente de milhões de camponeses embrutecidos, incultos, completamente incapazes de construir por si próprios, oprimidos durante séculos pelos latifundiários, se ao lado deles não houvesse uma camada avançada de operários urbanos que eles compreendem, que estão próximos deles, que gozam da sua confiança, nos quais o camponês acredita como trabalhadores seus iguais, se não houvesse essa organização capaz de unir as massas trabalhadoras e de incutir-lhes, explicar-lhes, convencê-las da importância da tarefa de tomar para si toda a cultura burguesa, a causa do comunismo não teria qualquer esperança.

Digo isto não do ponto de vista abstracto, mas do ponto de vista da experiência diária ao longo de um ano inteiro. Se nessa experiência há muitos pormenores por vezes fastidiosos, desagradáveis, é preciso ver para além desses pormenores algo mais profundo, é preciso compreender que esses pormenores do trabalho, os choques entre o comité de fábrica e o engenheiro, entre um qualquer soldado vermelho e um qualquer oficial burguês, um camponês e um agrónomo burguês, esses conflitos, fricções, esses pormenores, têm conteúdo incomensuravelmente mais profundo. Nós vencemos o preconceito segundo o qual esses especialistas burgueses deveriam ser mandados embora. Nós pegámos nessa máquina, que ainda funciona mal, não tenhamos ilusões a esse respeito: ela tropeça a cada passo, a cada passo faz erros, a cada passo resvala para o fosso, e nós retirámo-la outra vez - mas ela começou a funcionar e nós havemos de dirigi-la pelo bom caminho. É assim e só assim que sairemos deste tremedal de desorganização de terríveis dificuldades, de ruína, de asselvajamento, de miséria, de fome, em que a guerra nos lançou e para onde os imperialistas de todos os países procuram empurrar-nos e atascar-nos.

E nós começámos a sair. Damos os primeiros passos.

Um ano de trabalho soviético ensinou-nos a compreender claramente essa tarefa em cada caso particular do trabalho na fábrica e do trabalho camponês e a dominar esse trabalho. Essa é uma enorme conquista do poder soviético num ano. Não devemos lamentar ter perdido um ano com isso. Não discutiremos teoricamente em geral, como nos velhos tempos, sobre a importância dos especialistas burgueses e a importância das organizações proletárias, mas utilizaremos cada passo da nossa experiência em qualquer comité de fábrica e em qualquer organização agrária. Se lançámos as bases do Exército Vermelho, se temos já uma pequena base, se temos empresas nacionalizadas nas quais os operários compreenderam as suas tarefas e começaram a elevar a produtividade do trabalho com a ajuda dos especialistas burgueses que a cada passo tentam voltar atrás, e que as organizações de massas dos operários obrigam a avançar ao mesmo passo que o poder soviético, essa é a maior conquista do poder soviético. Esse trabalho não é visível, não tem nada de brilhante, é difícil apreciá-lo em toda a sua importância, mas o avanço do nosso movimento revela-se precisamente em que nós passámos da simples tarefa de reprimir simplesmente os exploradores à tarefa de aprender nós próprios e de ensinar às massas a construir o comunismo com os tijolos capitalistas, a obrigar os especialistas burgueses capitalistas a trabalhar para nós. Só por esta via alcançaremos a vitória. E agora sabemos que, se avançarmos como avançámos até agora, alcançaremos efectivamente essa vitória.

Camaradas, vou passar à última questão que queria esclarecer, embora abreviadamente, pois já prolonguei demasiado o meu discurso - a questão da atitude para com o campo.

Falei até agora do trabalho militar, da ditadura, da utilização dos especialistas burgueses, mas aqui surge uma nova e enorme dificuldade da edificação do comunismo.

Que fazer se o poder passou para as mãos do proletariado num país em que o proletariado urbano constitui uma minoria e a maioria é constituída por camponeses, habituados a trabalhar individualmente, inteiramente impregnados desses hábitos de exploração fragmentada?

A maioria desses camponeses, no entanto, estão de tal modo arruinados, empobrecidos e extenuados pelo jugo dos latifundiários e capitalistas que ajudam de bom grado os proletários. Se o operário da cidade se dirige ao camponês com um mínimo de bom senso, de tacto, de humanidade, e não como um homem que quer chefiar e provoca um ódio legítimo, se o operário da cidade aborda o camponês com um mínimo de humanidade, encontrará nele a mais fraterna confiança e um apoio completo. Nós sabemos-lo. É nisso que o poder soviético se apoia no campo. Ele só podia manter-se com o mais sincero apoio da maioria dos trabalhadores. E nós obtivemos esse apoio porque os operários das cidades estabeleceram ligação com os pobres do campo por milhares de vias, das quais nós nem sequer suspeitamos.

O poder de Estado, que anteriormente impedia essa ligação, faz agora tudo para a facilitar. Só graças a isso é que o poder soviético se mantém, e só nisso é que está a garantia da Vitória.

As enormes dificuldades que acabo de referir consistem em que o camponês está habituado a trabalhar sozinho, a comerciar livremente os cereais, e isso parece-lhe uma coisa legítima. Como é que eu, pensa ele, que trabalhei para obter os cereais, que me custaram tanto suor e sangue, não tenho o direito de vendê-los livremente? Para o camponês isso constitui um ultraje.

Mas nós sabemos, por toda a experiência de desenvolvimento da Rússia, que a liberdade de comércio significa a liberdade de implantar os capitalistas; e a liberdade de comércio num país atormentado pela fome, onde o homem esfomeado está disposto a dar tudo, incluindo a entregar-se a si próprio como escravo, por um pedaço de pão, a liberdade de comércio quando o país tem fome, significa a liberdade de enriquecer uma minoria e de arruinar a maioria.

Devemos demonstrar que num país extenuado pela fome, a primeira tarefa é ajudar o campesinato; mas só se pode ajudá-lo unindo as suas acções, unindo a massa, pois os camponeses estão dispersos, fragmentados, habituados a viver e a trabalhar isoladamente.

Não há obstáculos externos à realização dessa difícil tarefa; o que era preciso fazer pela violência, está feito; nós não renunciamos à violência; sabemos que há kulaques entre os camponeses, que nos resistem activamente, organizando abertamente insurreições dos guardas brancos; mas isto não se refere à massa dos camponeses. Os kulaques são uma minoria; e aqui é a luta e mais a luta, é preciso reprimi-los, e nós reprimimo-los, mas depois de resolvido vitoriosamente o problema da repressão dos exploradores no campo, coloca-se uma questão que se não pode resolver pela violência; neste domínio, como em todos os outros, só se pode realizar a nossa tarefa por meio da organização de massas, por meio de uma longa influência educadora do proletariado urbano sobre o campesinato.

Realizaremos nós essa tarefa? Sim, sabemos-lo pela experiência; e só porque a imensa maioria dos camponeses confia no poder operário, a partir da experiência dessa confiança nos operários pode-se construir o fundamento, que já está iniciado e que é preciso continuar a construir, mas construir através da influência e da disciplina de camaradas.

Tal é a tarefa que se nos coloca praticamente. Quando criámos os comités de camponeses pobres, quando procurámos instituir a troca de mercadorias com o campo, pretendíamos não que o rico recebesse mercadorias mas que, em primeiro lugar, o pobre recebesse as poucas mercadorias que a cidade podia fornecer, para que, ajudando os camponeses pobres, pudéssemos com a sua ajuda vencer o kulaque e tomar-lhe os excedentes de cereais.

Resolver o problema do abastecimento de cereais à população num país imenso com fracos meios de comunicação, com um campesinato dividido, era incrivelmente difícil, e foi essa tarefa que nos deu mais preocupações. Recordando todas as reuniões do Conselho de Comissários do Povo, direi: não houve nenhuma outra tarefa na qual o poder soviético tenha trabalhado tão obstinadamente como nessa tarefa. Temos uma enorme dispersão dos camponeses, uma enorme fragmentação, no campo predominam a ignorância, os hábitos do cultivo isolado, ali encara-se a proibição do livre comércio dos cereais como um ultraje, e, a propósito, ali surgem, naturalmente, trapaceiros políticos, toda a espécie de socialistas-revolucionários e mencheviques, que incitam os camponeses e lhes dizem: «Estão a roubar-vos!»

Porque há miseráveis que, depois de um ano de trabalho soviético, quando, diga-se de passagem, os trabalhadores do abastecimento demonstraram que nos últimos meses nós fornecemos ao campo 42000 vagões de produtos e recebemos em troca apenas 39000 vagões de cereais, há miseráveis que ainda gritam: «Camponeses, o poder soviético rouba-vos!»

Num momento em que os operários trabalham até à exaustão nas cidades - e em parte nenhuma há uma fome tão terrível como nas cidades e nas regiões não agrícolas da Rússia -, num momento em que os camponeses tomaram todas as terras dos latifundiários e tomaram todos os cereais, num momento em que os camponeses na sua massa, nós sabemos-lo, durante o primeiro ano de poder soviético trabalharam para si próprios, e não para o senhor nem para o comerciante, e melhoraram a sua alimentação, num momento em que o país está atormentado pela fome nas cidades e nas regiões não agrícolas, em que todos os capitalistas tentam minar-nos pela fome, nesse momento encontram-se homens que, disfarçados de mencheviques e de socialistas-revolucionários, ou com qualquer outro traje burlesco, ousam afirmar: «Estão a roubar-vos!» São agentes do capitalismo, e nós não os trataremos nem devemos tratá-los de outro modo que não seja como agentes do capitalismo!

Num momento em que o poder soviético considera o problema da fome como a maior dificuldade, o dever de todo o cidadão soviético é dar todos os excedentes de cereais àqueles que têm fome. Isto é tão claro, tão evidente, tão compreensível para qualquer trabalhador, que não é possível opor qualquer objecção. É preciso o embuste, a trapaça política, para obscurecer esta verdade simples, clara, evidente, para a tornar incompreensível ou deturpá-la!

O operário da cidade apoia-se nesta verdade. Graças à evidência desta verdade, ele realiza a sua obra difícilíssima. Até agora ele dizia aos camponeses pobres: nós e vocês constituímos o verdadeiro sustentáculo do poder soviético. Para isso se criaram os comités de camponeses pobres, as organizações de intercâmbio de mercadorias, se obrigou as cooperativas a agruparem toda a população. Todos os decretos promulgados no domínio da agricultura estavam impregnados dessa ideia fundamental, todos os apelos aos operários da cidade diziam: uni-vos com os pobres do campo, sem isso não resolvereis a questão mais importante e mais difícil - a questão dos cereais. E ao camponês dizíamos: ou te alias ao operário da cidade, e então venceremos, ou cedes às exortações e aos sermões dos capitalistas e dos seus serventuários e lacaios vestidos de mencheviques, que te tentam convencer: «Não te deixes roubar pela cidade, comercia livremente; quem é rico faz fortuna, e se outros morrerem de fome, a ti que te importa» - e então tu próprio perecerás, tornar-te-ás escravo do capitalismo e arruinarás a Rússia soviética. Só no capitalismo se raciocinava assim: «Eu negoceio, eu enriqueço, cada um por si e deus por todos.» Assim raciocinava o capitalismo, e gerou a guerra; e é por isso que os operários e os camponeses eram miseráveis, enquanto uma ínfima minoria eram multimilionários.

A questão está em como abordar o camponês no trabalho prático, em como organizar os camponeses pobres e médios para combater a cada passo a sua atracção pelo passado, as suas tentativas para voltar atrás, ao livre comércio, a sua constante aspiração a serem produtores «livres». A palavra «liberdade» é uma bela palavra; «liberdade» a cada passo: liberdade de comerciar, de vender, de se vender, etc. E encontram-se mencheviques e socialistas-revolucionários, vigaristas, que declinam e conjugam essa bela palavra «liberdade» em cada jornal e em cada discurso; mas todos eles são uns completos farsantes, prostitutas do capitalismo, que puxam o povo para trás.

Por último, o principal tema das preocupações e objectivo da acção tanto do Conselho de Comissários do Povo como do Conselho de Defesa nos últimos tempos, nos últimos meses e semanas, tem sido a luta contra a fome.

A fome é para nós um grande mal precisamente agora, em vésperas da Primavera; e a Primavera será para nós o período mais difícil. Tal como no ano passado o final do Inverno, a Primavera e o princípio do Verão foram os tempos mais difíceis, também neste ano entramos precisamente agora num período difícil. Agora reforçam-se de novo as esperanças dos guardas brancos, dos latifundiários e dos capitalistas de que, não sendo capazes de quebrar o poder soviético numa luta aberta, possam talvez jogar uma vez mais com a fome.

E os homens que se intitulam mencheviques e socialistas-revolucionários, de direita e de esquerda, que caíram tão baixo que em palavras se declaram partidários do povo trabalhador, mas quando a situação alimentar se agrava, quando a fome se aproxima, tentam jogar com ela e excitam as massas populares contra o poder dos operários e camponeses, não compreendem que, tal como a traição do socialista-revolucionário de esquerda Muraviov no ano passado na Frente Leste custou a vida a dezenas de milhares de operários e camponeses na guerra contra os guardas brancos, também agora qualquer política desse género, qualquer agitação e especulação com a fome, que os socialistas-revolucionários de esquerda fazem pretensamente para bem dos operários, não é mais que uma ajuda directa aos guardas brancos.

Toda a agitação desse género custa dezenas de milhares de vítimas inúteis na guerra contra os guardas brancos. No ano passado, quando Muraviov traiu, por pouco não abriu toda a frente e provocou toda uma série de pesadas derrotas.

É por isso que eu gostaria, antes de mais e acima de tudo, de referir-me da forma mais sucinta aos principais factos.

Se agora, tal como na Primavera do ano passado, a nossa situação do ponto de vista alimentar se agravou novamente, temos agora uma séria esperança não apenas de vencer essa dificuldade mas também de a superar melhor do que no ano passado. Essa esperança baseia-se em que no Leste e no Sul as coisas estão muito melhores, e o Leste e o Sul são os principais celeiros da Rússia. Numa série de reuniões do Conselho de Defesa e do Conselho de Comissários do Povo nos últimos dias, determinámos claramente que nas linhas de Kazan a Sarátov e na linha Volga-Bugulma, a leste de Samara, para lá do Volga, estão armazenados perto de 9 milhões de *puds*³ de cereais.

Toda a enorme dificuldade, todo o grande perigo, consiste em que os nossos transportes estão tão doentes e a falta de locomotivas é tão grande que não estamos certos de poder transportar esses cereais. Tal foi a principal preocupação na nossa actividade nos últimos tempos, e foi por isso que recorreremos a uma medida como a interrupção, a completa paragem do transporte de passageiros de 18 de Março a 10 de Abril.

3 Medida de peso equivalente a 16,3 quilogramas. (N. do Ed.)

Sabemos que isso é penoso. Surgirão agitadores, ajudantes dos guardas brancos, que se porão a gritar: « Vejam lá, o povo passa fome, e retiraram-lhe os comboios de passageiros, para que não possa transportar cereais.» Esses agitadores existem. Mas nós dizemos: sejam quais forem as dificuldades, nós contamos com a consciência dos operários e eles estarão connosco.

A interrupção do transporte libertará, segundo os cálculos dos especialistas, 2200 locomotivas. Essas locomotivas de passageiros são mais fracas que as de mercadorias, têm menos força de tracção, mas nós calculámos que elas são capazes de nos fornecer nesse tempo até três milhões e meio de *puds* de cereais. Se durante esse mesmo tempo o trigo fosse transportado individualmente pelos especuladores e pelas pessoas famintas que andam de um lado para o outro, eles transportariam, no melhor dos casos, meio milhão de *puds*. Esta verdade será confirmada por cada ferroviário experiente, por quem quer que tenha estado na linha do Volga e visto como os cereais estão ali amontoados por vezes directamente sobre a neve. Os sacos de cereais podem perder-se, pois o trigo já está húmido; a situação será particularmente difícil quando começarem as cheias. Mas nós tomámos essa dura decisão, certos de que não se pode ocultar a verdade à enorme massa dos operários, que os agitadores dos socialistas-revolucionários de esquerda não os farão afastar-se do caminho justo e que essa verdade vencerá.

E uma medida tão dura como a interrupção do transporte de passageiros pode dar alguns milhões de *puds* de trigo. Refutando a mentira, a calúnia e as fábulas segundo as quais é prejudicial interromper o transporte de passageiros, nós devemos dizer que isso nos dará cereais suficientes com a ajuda dos operários de Petrogrado, Moscovo e Ivánovo-Voznessensk, que são enviados para o Sul. Recordo, de passagem, que nenhuma cidade deu tantas forças para a organização do abastecimento como Petrogrado; todas as suas melhores forças estão já a trabalhar, e é assim que devem actuar os operários das cidades avançadas.

Não é possível fazer a revolução socialista sem a classe operária; não é possível fazê-la se a classe operária não tiver acumulado forças suficientes para dirigir as dezenas de milhões de habitantes dos campos oprimidos pelo capitalismo, extenuados, iletrados e dispersos. E só os operários avançados podem dirigi-los. Mas as melhores forças estão já esgotadas, gastas e cansadas. É preciso substituí-las, fazendo avançar pessoas vulgares, a juventude. Eles cometerão possivelmente erros, mas isso não será uma desgraça, desde que eles sejam dedicados à causa operária, educados nas condições da luta proletária.

Tomámos já uma série de medidas para enviar para a linha Volga-Bugulma as melhores forças. O camarada Briukhánov dirigiu-se para ali com um destacamento de operários. Para outras linhas foram também enviados destacamentos militares acompanhados de operários e, repito, há uma séria esperança de que teremos cereais. Teremos um semestre duro, mas será o último semestre duro, porque em vez de um inimigo que se reforça temos um inimigo que se desagrega, pois o movimento soviético cresce em todos os países.

Tais são os motivos por que nós, raciocinando com prudência e depois de verificar muitas vezes os cálculos, afirmámos que a interrupção do transporte de passageiros nos dará a possibilidade de transportar alguns milhões de *puds* de cereais e de utilizar os riquíssimos celeiros do Leste e do Sul. Neste duro semestre nós venceremos o nosso principal inimigo, a fome, e, além disso, encontramos agora em condições melhores que as do ano passado, porque temos reservas.

No ano passado os checoslovacos chegaram até Kazan e Simbirsk, a Ucrânia estava sob a bota dos alemães, Krasnov, com o dinheiro alemão, reunia tropas no Don, e o Sul estava cortado de nós; agora, pelo contrário, a Ucrânia liberta-se dos imperialistas alemães, que queriam retirar da Ucrânia 60 milhões de *puds* de cereais e retiraram apenas 9 milhões e ainda por cima levaram um elemento que não conseguem digerir - o bolchevismo. Contra ele esbarraram os imperialistas alemães, contra

ele esbarrarão os imperialistas franceses e ingleses, se tiverem a possibilidade de penetrar mais profundamente na Rússia.

Nós temos agora uma Ucrânia soviética. E o governo soviético da Ucrânia, em relação a nós, quando se puser a questão dos cereais, não fixará os preços como um traficante, não o fará como o especulador e como o mujique que diz: «O faminto pagará mil rublos por pud, quero lá saber do monopólio estatal, eu quero é enriquecer, e se o povo passa fome, tanto melhor, assim pagarão mais.» Assim raciocina a burguesia, assim raciocinam os kulaques, os especuladores, e são ajudados por todos aqueles que gritam contra o monopólio dos cereais, que defendem a «liberdade» de comércio, isto é, a liberdade de enriquecer para o mujique rico e a liberdade de morrer definitivamente de fome para o operário, que não receberá nada. E o governo ucraniano disse: «A primeira tarefa é ajudar o Norte faminto. A Ucrânia não pode manter-se se o Norte, atormentado pela fome, não se mantiver; a Ucrânia manter-se-á e vencerá seguramente se ajudar o Norte faminto.»

As reservas de cereais da Ucrânia são gigantescas. Mas não se pode tomar tudo de uma vez. Enviámos para a Ucrânia as nossas melhores forças soviéticas e já recebemos a informação unânime: «As reservas de cereais são enormes, mas não é possível transportá-las todas imediatamente, não há aparelho.» Os alemães devastaram de tal modo a Ucrânia que só agora se começa a organizar mais ou menos o aparelho administrativo; o caos é ali total. Os tempos piores, quando estávamos instalados no Smólni⁴ nas primeiras semanas depois da revolução de Outubro e lutávamos contra o descalabro, não são nada em comparação com as dificuldades que a Ucrânia sofre neste momento. Os camaradas ucranianos lamentam-se de que têm falta de gente, de que não têm com quem edificar o poder soviético, de que não há qualquer aparelho administrativo, de que não há um centro proletário como Petersburgo ou Moscovo, pois os centros proletários ucranianos estão nas mãos do inimigo. Kiev não é um centro proletário, a bacia do Donets, esgotada pela fome, não está liberta dos cossacos. «Ajudem-nos, operários do Norte!»

E por isso nós, em nome dos camaradas ucranianos, dizemos aos operários de Petersburgo, sabendo que eles deram mais do que qualquer outra cidade: «Dai ainda mais, mobilizai ainda mais os vossos esforços!» Nós podemos e devemos agora ajudar os camaradas ucranianos, porque eles têm que edificar o aparelho do poder soviético num lugar varrido e devastado por sofrimentos como não se passou nem se sofreu em mais parte nenhuma!

Nós no Comité Central do nosso partido, tendo discutido esta situação, estabelecemos como tarefa: primeiro, tudo fazer para edificar o aparelho administrativo na Ucrânia, depois deitar mãos à obra quando tivermos a arma nas mãos, quando houver o aparelho, e em 1 de Junho receber em troca 50 milhões de *puds* de cereais.

Não quero de modo nenhum assegurar-vos que essa tarefa será cumprida. Todos nós sabemos que, de quantas tarefas assumimos, não conseguimos realizar nenhuma no prazo indicado. Admitamos que apenas uma parte desta tarefa seja cumprida. Mas sabeis no entanto firmemente que, nos dias difíceis, quando a fome se agravar no nosso país e quando no Leste e no Sul estiver em pleno funcionamento todo o aparelho de abastecimento, temos a possibilidade de receber uma ajuda urgente do Sul e melhorar a nossa situação.

Além da Ucrânia, temos uma outra fonte - a região do Don. Aí as vitórias do Exército Vermelho já fizeram milagres. Há algumas semanas no Don, na guerra contra Krasnov, contra o principal inimigo, contra os oficiais, contra os cossacos, subornados a troco de milhões, primeiro pelos alemães, depois pelos ingleses e franceses, que continuam ainda a apoiá-los, há algumas semanas a

4 Smólni: edifício do antigo Instituto Smólni em Petrogrado, sede do governo soviético até à sua transferência para Moscovo, em Março de 1918.

nossa situação era difícil; mas agora conquistámos com uma enorme rapidez o território da região não apenas até Tsarítsine, mas avançámos para sul de Tsarítsine. Os bandos de Krasnov e os contrarrevolucionários do Don foram quebrados e nenhuma ajuda dos imperialistas lhes valeu.

Que significa isto? Isto significa que nos aproximámos do carvão e dos cereais, sem os quais pereceremos, pois que por falta de carvão param os caminhos-de-ferro e as fábricas, por falta de cereais os operários nas cidades e em geral nas regiões não agrícolas sofrem os suplícios da fome⁵.

As reservas de cereais no Don, tal como na Ucrânia, são enormes; além disso, aí não podemos dizer que não há aparelho administrativo; em cada unidade militar há uma célula comunista, comissários operários, grupos de operários do abastecimento; aí a principal dificuldade consiste em que os guardas brancos na retirada destruíram as pontes e por isso nenhuma das duas principais vias-férreas era utilizável.

Na última reunião do Conselho de Defesa e do Conselho de Comissários do Povo convocámos especialistas e interrogámo-los sobre a maneira de conseguir material para a reparação das linhas e como reparar ao menos uma delas. Na última reunião do Conselho de Defesa pudemos certificarnos de que, graças a uma enorme tensão de forças, não só foram conseguidos os materiais como os camaradas dali nos asseveram que quase garantem o restabelecimento das duas linhas antes das enchentes. Esse restabelecimento do transporte nas duas linhas equivale talvez a muitas vitórias sobre os cossacos, e isso permite-nos dizer: «Teremos que suportar ainda alguns meses difíceis, intensificar esforços, recorrer à ajuda dos operários de Petrogrado, Moscovo e Ivánovo-Voznessensk.» Além do Leste, de onde é difícil transportar seja o que for, além da Ucrânia, onde há enormes reservas mas não há aparelho, há o Don, dominado pelo Exército Vermelho. Por isso nós dizemos, com prudência e lucidez, depois de verificar tudo isso com muitos relatórios e informações enviadas do local e de escutar os especialistas em abastecimentos e vias-férreas, que temos a convicção mais séria e fundamentada de que não só podemos manter-nos como no ano passado mas podemos mesmo melhorar ainda significativamente a nossa situação.

O nosso inimigo interno está a desagregar-se, o inimigo externo também não se manterá em nenhum caso por muito tempo. Camaradas, convenceu-nos particularmente disso o que soubemos de camaradas estrangeiros que cá chegaram, juntamente com os quais fundámos há pouco em Moscovo a Internacional Comunista. Em Paris, nas reuniões populares, os oradores que atacam o bolchevismo são corridos da tribuna. Sim, a vitória é nossa! Os imperialistas podem ainda derramar o sangue de milhares e milhares de operários, matar Rosa Luxemburg e Karl Liebknecht e centenas dos melhores representantes da Internacional, podem encher de socialistas as prisões da Inglaterra, da França, da Alemanha e da Itália, mas isso não os ajudará! A vitória é nossa! Porque os operários de todos os países, apesar de todas as mentiras, de todas as torrentes de falsidades e sujas calúnias, compreenderam o que são os soviets, o que é o poder soviético. E para os capitalistas de todos os países não há saída. Repito, eles lutarão entre si no momento em que concluírem a paz. A França está pronta a lançar-se sobre a Itália. Não conseguem dividir o saque. O Japão arma-se contra a América. Eles lançaram sobre os povos um tributo inaudito, milhares e milhares de milhões de dívidas de guerra. Mas por toda a parte os povos estão extenuados pela guerra, por toda a parte há

5 No estenograma segue-se um texto que não faz parte da brochura: «O Exército Vermelho cumpre o seu dever em condições excepcionalmente difíceis. Numa altura em que, em todo o mundo, todos estão extenuados pela guerra, o nosso exército tornou-se harmonioso, nele combatem homens que suportam uma guerra incomparavelmente mais dura que no tempo do tsar, mas suportam-na porque vêm como junto de cada chefe militar se encontra o comissário dos comunistas - o melhor operário de Petrogrado, ou de Moscovo, ou de Ivánovo-Voznessensk. Em cada unidade militar organizam-se células comunistas, cada estado-maior torna-se um centro de agitação e propaganda. Toda a força do exército assenta numa coisa, e só numa: na sua estreitíssima ligação com os melhores operários de Petrogrado, Moscovo e Ivánovo-Voznessensk. Eis o que realizou a viragem e fez o milagre de um exército que fugia ao ouvir a palavra "cossaco", se ter criado um exército que em algumas semanas se apossou de duas linhas férreas que são as vias principais para os cereais e para o carvão.» (N. Ed.)

falta de alimentos, a produção está parada, por toda a parte há fome. A Entente, que promete a torto e a direito ajudar os contra-revolucionários, não consegue alimentar os seus próprios países. As massas operárias de Paris, de Londres e de Nova Iorque traduziram a palavra «soviete» para as suas línguas, tornaram esta palavra compreensível para cada operário, sabendo que a velha república burguesa não pode ajudar a sua causa, que só o poder operário pode fazê-lo.

E se na Rússia o poder soviético tem pela frente enormes dificuldades, é porque contra a Rússia se lançou a força militar das potências mais armadas e mais fortes do mundo. Apesar disso, o poder soviético da Rússia conseguiu ganhar a simpatia, a atenção e o apoio moral dos operários de todo o mundo. E partindo destes dados, sem minimamente os exagerar, sem fechar os olhos ao facto de que tanto na Alemanha como noutros países se faz correr o sangue dos operários e morrem muitos dos melhores dirigentes do socialismo, selvaticamente torturados - nós sabemos-lo e não fechamos os olhos a isso,- afirmamos que a vitória é nossa, uma vitória total, porque os imperialistas dos outros países foram abalados, porque os operários já estão a sair do estado de embriaguez e de mentira, o poder soviético já ganhou o reconhecimento dos operários de todo o mundo; por toda a parte se deposita as esperanças apenas no estabelecimento dos soviets, se vê a esperança apenas em que os operários tomem o poder nas suas mãos.

E quando os operários souberem que os operários unidos mesmo incultos, num país atrasado, tendo tomado o poder nas suas mãos, conseguiram criar uma força que resiste aos imperialistas do mundo inteiro, que esses operários souberam tomar as fábricas aos capitalistas e dar as terras dos latifúndios aos camponeses, quando essa verdade penetrar nas massas operárias de todos os países, então poder-se-á dizer em voz alta, com inteira certeza, uma vez mais, que a nossa vitória está assegurada à escala mundial, pois a burguesia foi abalada, ela não conseguirá enganar durante mais tempo os operários, pois o movimento soviético nasceu por toda a parte e em breve veremos, como vimos em 25 de Outubro de 1917 o nascimento da república soviética, como nestes últimos dias vimos em Moscovo o nascimento da III Internacional, da Internacional Comunista, assim em breve veremos o nascimento da república soviética internacional. [O discurso foi interrompido e terminou com prolongados aplausos.]

* * *

Peço encarecidamente aos camaradas de Petrogrado que publiquem as seguintes linhas como **prefácio** ou como **postfácio** ao meu discurso, nem que seja nos caracteres mais pequenos.

POSFÁCIO

Tendo tido muito trabalho na correcção da transcrição do meu discurso, sou forçado a dirigir um pedido instante a todos os camaradas que querem transcrever os meus discursos para a imprensa.

O pedido consiste em que nunca se apoiem na transcrição estenografada ou qualquer outra dos meus discursos, nunca procurem a sua transcrição, nunca publiquem transcrições dos meus discursos.

Em vez da transcrição dos meus discursos, que se publique, se isso for necessário, resumos deles. Já vi nos jornais resumos dos meus discursos que eram satisfatórios. Mas ainda nunca vi uma transcrição minimamente satisfatória de um discurso meu. Não procurarei julgar por que razão isso acontece, se pela exagerada rapidez com que falo, se pela incorrecta construção do meu discurso, se por qualquer outra causa, mas o facto permanece. Nunca vi nenhuma transcrição satisfatória dos meus discursos, nem estenografada nem qualquer outra.

Mais vale um bom resumo do discurso do que uma má transcrição do discurso. Por isso peço: nunca se publique quaisquer transcrições dos meus discursos.